

Clara de Assis:

uma inspiração educativa
para nossos dias

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm



Agosto de 2025



O nome de *Clara de Assis*

é frequentemente associado ao de Francisco, uma das figuras mais biografadas da história. No entanto, os aspectos fundamentais da vida da primeira seguidora de Francisco continuam em grande parte desconhecidos pela maioria das pessoas.

No Brasil, o dia 11 de agosto é marcado por duas comemorações significativas: o Dia de Santa Clara e o Dia do Estudante, instituído por Dom Pedro I em memória da criação das duas primeiras faculdades de Direito do país: a de Olinda, em Pernambuco, e a do Largo de São Francisco, em São Paulo. Mas é possível unir a figura de Clara ao Dia do Estudante? Acreditamos que sim. Vejamos por quê.

Clara era cerca de onze anos mais jovem que Francisco (nascida em 1194). Quando ele já estava em atrito com o pai e distribuía as roupas da loja aos pobres, Clara era uma menina entrando na adolescência, para usar uma categoria de hoje. Enquanto Francisco era filho da burguesia, Clara pertencia à pequena nobreza, o que dificultava a relação entre suas famílias. Aos quinze anos, como era costume, esperava-se que Clara se casasse com quem seus pais escolhessem. Ela, no entanto, adiou ao máximo essa decisão. Mesmo antes de deixar a família, já demonstrava sensibilidade para com os pobres, ajudando-os discretamente.

A *Legenda de Santa Clara*, escrita pelo primeiro hagiógrafo de Francisco, relata: "Na verdade, a fama de tão prendada menina despertou em Francisco a vontade de a ver e de com ela dialogar. Ele a visitava, e ela mais vezes a ele, não dando razão a que qualquer pessoa se apercesse daquela santa amizade, e se corresse o risco de ser desacreditada na opinião pública" (n. 5).



Após romper com o pai, Francisco passou um longo período restaurando igrejas e cuidando de leprosos. Sem ter chamado ninguém, foi surpreendido por seus amigos que, inspirados por seu modo de vida, desejaram segui-lo. Em 1209, quando o grupo somou doze irmãos, foram a Roma buscar a aprovação papal, pois temiam serem confundidos com heréticos.

O momento decisivo de Clara foi o Domingo de Ramos de 1212, quando, durante a noite, saiu secretamente de casa. Francisco a acolheu na igreja da Porciúncula, que se tornaria o centro do movimento nascente; Francisco cortou seus cabelos, num gesto de ruptura com a vida anterior, gesto este reservado apenas aos bispos.

Mas havia um impasse: o que fazer com uma mulher no meio daqueles homens? Naquele tempo, a única forma de vida consagrada feminina era em mosteiros. Conta Tomás de Celano: “Francisco cortou-lhe os cabelos e levou-a à Igreja de São Paulo das Abadessas. Foi aí que os parentes a procuraram para levá-la de volta. Mas Clara agarrou-se às toalhas do altar e, mostrando-lhes os cabelos cortados, resistiu. Mais tarde, Francisco a conduziu à Igreja de Santo Ângelo de Panzo. Dali, seguiu para São Damião, onde o Senhor lhe enviou irmãs, que se colocaram sob sua orientação” (1Cel 16).

Aos poucos, o número de seguidoras cresceu, e sua própria mãe e irmã se uniram às Damas Pobres. Clara não desejava um mosteiro isolado da cidade, porque o mosteiro de São Damião reservava uma parte para a vida interna das irmãs e conservava uma ala ao atendimento de pobres e doentes que chegassem.

O confronto com o Papa Gregório IX ocorreu quando ele tentou impor a todos os mosteiros a obrigação de possuir bens para manter-se autônomos e não permitia qualquer contato com o mundo externo. Clara, ao contrário, insistiu no “privilegio da pobreza”, o direito de não possuir nada.

Seu cuidado pelas irmãs foi destacado por ocasião de sua canonização. Ela se tornou a primeira mulher da Igreja a escrever uma Regra de Vida para uma ordem religiosa, aprovada no dia 10 de agosto de 1253. Clara faleceu no dia seguinte.



Atualizações para o Ambiente Educativo

Pode parecer exagerado buscar inspiração educacional numa mulher medieval que nunca exerceu o magistério formal. Mas Clara, sem dúvida, foi uma mestra. Entre os ensinamentos possíveis, destacamos:



1. Romper com um futuro pré-definido

Clara recusou o destino que lhe era imposto: o casamento arranjado e a vida nobre previsível. Sua escolha nos convida a não aceitar passivamente o que nos é dado, mas a pensar criticamente sobre o próprio caminho. A educação, nesse sentido, abre horizontes, amplia possibilidades e rompe com o fatalismo de quem simplesmente "deixa a vida o(a) levar".



2. Lutar pelas aspirações, mesmo diante das dificuldades

Romper com a família e seguir um caminho incerto exigiu de Clara uma coragem notável. Francisco não tinha uma resposta pronta para acolhê-la. Ainda hoje, inúmeros estudantes enfrentam adversidades (distância, rotina exaustiva, limitações financeiras) para alcançar seus objetivos, e mesmo os que têm melhores acessos não se privam de entender que, na raiz do verbo em latim, *studere*, está a ideia de aplicar-se, esforçar-se.



3. Reconhecer os limites da realidade

Clara se inspirou na vida de Francisco, mas deparou-se com os limites sociais e eclesiais de sua época. Ao adaptar-se, criou algo novo: um mosteiro em diálogo com o mundo. Saber reconhecer a realidade é parte essencial da formação. Nem tudo depende apenas da vontade; há limites concretos que exigem criatividade e resiliência.



4. Firmeza e persistência nas decisões



Clara manteve sua escolha até o fim, mesmo enfrentando oposição do próprio Papa. Sua firmeza não era uma teimosia rebelde, mas a convicção no valor de sua opção: viver em simplicidade e fraternidade. A educação exige esse tipo de perseverança diante das dificuldades, sem ceder ao caminho mais fácil.

5. Humildade no saber



Mesmo como abadessa, Clara lavava os pés das irmãs e cuidava das doentes com afeto e dedicação. “Ela própria, com grande nobreza espiritual, cuidava do asseio das irmãs doentes [...]. Muitas vezes lavava e beijava os pés das irmãs externas quando elas regressavam de fora.” (Legenda de Santa Clara, n. 12).

Num ambiente educacional frequentemente marcado por vaidades e disputas, Clara ensina que o saber verdadeiro não se impõe com arrogância, mas se oferece como serviço.

6. Valorização da fraternidade



O ideal franciscano tem na fraternidade sua base. Para Clara, a vida era partilhada. A missão era vivida em comunhão, e não em rivalidade. Como dizia São Francisco, os irmãos e irmãs nos são dados. “Porque o Senhor não nos colocou como exemplo e espelho somente para os outros homens, mas também para as irmãs que chamou à nossa vocação” (Testamento de Santa Clara, 19-20).

Em tempos individualistas, a fraternidade é um antídoto valioso. “Sozinhos vamos mais rápido, juntos vamos mais longe”, lembra o provérbio.





7. Importância das boas amizades

A amizade entre Clara e Francisco não se baseava em competição, mas em admiração mútua e propósito comum. Bento XVI afirmou: "Clara encontrou em Francisco de Assis não apenas um mestre, mas um amigo fraterno. A amizade entre estes dois santos constitui um aspecto muito bonito e importante." (15/09/2010)

Educar é também formar vínculos. Ter com quem contar, saber-se acompanhado, é parte fundamental do processo formativo. Como dizia Guimarães Rosa: "Amigo e alguém com quem se pode ficar desarmado"; e Vinícius de Moraes completava: "A gente não faz amigos, reconhece-os."

Conclusão

Clara de Assis, ainda que tenha vivido na Idade Média, continua a falar de forma profunda aos nossos dias, especialmente no universo da educação. Sua vida revela que o verdadeiro aprendizado vai muito além dos livros: está na coragem de viver com autenticidade, na constância do esforço diário, no compromisso com o outro e na alegria de partilhar o caminho. Por tudo isso, Clara permanece como uma mestra viva para o nosso tempo.

No centro de sua existência, um grande amor: Jesus Cristo, o "espelho" que ela contemplava com devoção e o farol que iluminava sua caminhada. Foi por Ele que Clara renunciou às seguranças do mundo, entregando-se inteiramente aos braços do Infinito.



